



ESTÁGIO SUPERVISIONADO E O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Eixo temático: Educação escolar e diversidade

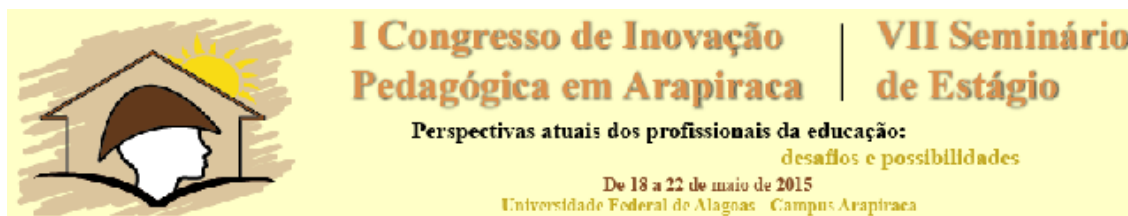
Juliana Farias de Araújo
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
julianafariasdearaujo@hotmail.com

Jonathan Alisson dos Santos Souza
UFAL
jonathansouza_mdl@hotmail.com

Ronald Damasceno Ferreira da Silva
UFAL
ronalddfs@gmail.com

Resumo

A palavra *bullying* tem origem inglesa e se define como um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica que podem acontecer em vários setores da sociedade, principalmente no ambiente escolar. Os estudos relacionados ao tema tiveram início após uma sequência de acontecimentos que ocasionam, desde repetência, evasão escolar, isolamento, depressão e em casos extremos o suicídio e homicídio. Dentro da escola, no combate a estas injustiças e desigualdades, este fenômeno preocupante vem sendo definido como o ato de perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, outro aluno (OLIVEIRA, 2013). Pode-se dizer que o fenômeno é tolerado pela comunidade escolar, e visto muitas vezes como “normal” no relacionamento entre crianças e adolescentes. Este trabalho teve como lócus a investigação do fenômeno bullying no ambiente escolar, precisamente com os alunos do ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL). O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário. A pesquisa revelou a existência de preconceito na escola pesquisada, sendo os principais fatores geradores de discriminação a



orientação sexual, estrutura física, a origem étnico-racial e a ocorrência do bullying como decorrência da discriminação e rejeição ao considerado diferente ou anormal.

Palavras-chave: *Bullying* – escola - educação

INTRODUÇÃO

A escola é o lugar para educação e socialização dos indivíduos transformando-os em cidadãos produtivos e solidários. Esse local que deveria ser, por excelência, um espaço dedicado à educação e à socialização da criança e do adolescente, transformou-se em cenário de agressão, autoritarismo e desrespeito mútuo (ABRAMOVAY; AVANCINI; OLIVEIRA, 2006). O fenômeno da violência no ambiente escolar pode ser categorizado em três grupos, são eles: 1) a violência contra a propriedade, que se traduz em furtos, roubos e assaltos; 2) a violência contra o patrimônio, que redundava em vandalismo e depredação das instalações escolares; 3) a violência contra a pessoa, que pode ser expressa verbal ou fisicamente e pode tomar a forma de ameaças, brigas, discriminações, violência sexual, *bullying*, coerção mediante o uso de armas (ABRAMOVAY; AVANCINI; OLIVEIRA, 2006). Nessa perspectiva, comportamentos como apelidar ou “zoar” de um colega, que sempre foram considerados normais no ambiente escolar, podem tornar-se uma atitude agressiva ou até mesmo violenta, passando de uma simples “brincadeira” para transformar-se em algo que poderá causar constrangimento, trazendo consequências psicológicas para o “indivíduo alvo”.

Das três classificações citadas por Abramovay, Avancini e Oliveira (2006), iremos enfocar a violência contra a pessoa, dando ênfase ao *bullying*.

Atualmente, segundo SILVA (2006, p. 14),

O *bullying* não pode ser mais tratado como um fenômeno exclusivo da área educacional. Atualmente ele já é definido como um problema de saúde pública e, isso mesmo, deve entrar na pauta de todos os profissionais que atuam na área médica psicológica e assistencial de forma mais abrangente a falta de conhecimento sobre a existência, o funcionamento e as consequências do *bullying* propicia o aumento desordenado no número e na gravidade de novos casos, e nos expõem a situações trágicas isoladas ou coletivas que poderiam ser evitadas.

Assim, apesar do *bullying* poder acontecer no contexto familiar, no território profissional, neste artigo, o termo *bullying* será abordado somente no âmbito escolar.



Segundo Silva (2006), as pesquisas vinculadas ao *bullying* iniciaram-se com o objetivo de distinguir as brincadeiras naturais e saudáveis na escola ou universo acadêmico, daquelas que ultrapassam os limites do respeito. As brincadeiras consideradas normais são aquelas em que todos se divertem, quando há apenas alguns se divertindo a custa de outros que sofrem com esse ato, essa ação ganha outra conotação, traduzindo-se no *bullying* escolar que abrange atos de violência de forma intencional e repetitiva.

Diante do exposto, podemos definir o *bullying* como sendo o ato de perseguir, intimidar, humilhar, chamar por apelidos cruéis, excluir, ridicularizar, demonstrar comportamento racista e preconceituoso ou, por fim, agredir fisicamente, de forma sistemática, e sem razão aparente, um outro aluno (OLIVEIRA, 2013).

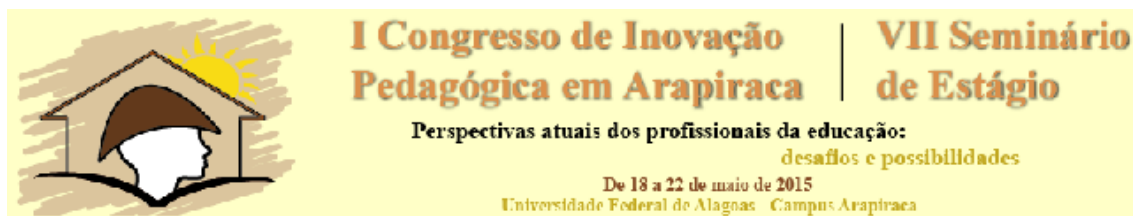
No universo escolar, há também aqueles que não são agressivos, não são vítimas e nem praticam *bullying*, porém são compassivos ao assistirem a agressão aos outros colegas. Isto acontece pelo fato de se acostumarem com o comportamento violento, por se sentirem impotentes diante da situação e também por medo de represálias, por isso, não impedem a ação dos agressores. Nestas situações, a figura do professor é de extrema importância no processo de prevenção e extinção do *bullying* no ambiente escolar, para tanto, esse profissional necessita ter em sua formação inicial e continuada conhecimento que o ajude a promover na escola um ambiente de respeito e tolerância.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Leão (2010, p. 119):

[...] a escola, vista como uma instituição de ensino deve zelar e estar comprometida com a aprendizagem e o bem estar da criança. Todavia, esse ambiente que deveria ser agradável e sadio tem sido palco de atitudes frequentes, que envolvem atos de violência entre os alunos, ficando evidente, dessa forma, a conduta *bullying*.

É importante lembrar que nem todas as consequências do *bullying* resultam em tragédias, no entanto, as agressões sempre causam sofrimento, interferindo drasticamente nos processos de aprendizagem e socialização, podendo deixar graves sequelas emocionais.



Segundo Silva (2010, p. 22), “algumas atitudes podem configurar em formas diretas ou indiretas de praticar o *bullying*. Essas atitudes contribuem não somente para a exclusão social como também para casos de evasão escolar”, nesse contexto o *bullying* por se apresentar nas seguintes formas:

Verbal: através de insultos, ofensas, xingamentos, gozações, apelidos pejorativos, piadas ofensivas; **Físico e Material:** bater, chutar, espancar, ferir, empurrar, roubar ou destruir pertences da vítima; **Psicológico e Moral:** irritar, humilhar, excluir, isolar, ignorar, discriminar, ameaçar, chantagear, tiranizar, perseguir, dominar, difamar; **Sexual:** abusar, violentar, assediar, insinuar e **Virtual:** calúnias, maledicências (SILVA, 2010).

O *bullying* também pode trazer consequências psíquicas e comportamentais, tais como: sintomas psicossomáticos, transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão, anorexia e bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático, e alguns casos menos frequentes a exemplo da esquizofrenia, suicídio e homicídio (SILVA, 2010).

Os envolvidos na situação de *bullying* de acordo com Fante (2005, p. 58) são:

Vítima típica: é aquela que serve de bode expiatório para um indivíduo geralmente pouco sociável, sofrem repetidas agressões sem dispor de recursos, status ou habilidades de reação para fazer cessar tais agressões; **Vítima provocadora:** é aquela que provoca e atrai reações agressivas sem conseguir lidar com as consequências, pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva, e ofensora, é de modo geral tola, de costumes irritantes e quase sempre responsáveis por causar tensões no ambiente em que se encontra e a **Vítima agressora:** é aquela que reproduz os maus-tratos sofridos, tendo passado situações de sofrimento na escola, tende a agredir indivíduos mais frágeis do que ela, transferindo os maus-tratos sofridos, perpetuando a violência e expandindo o número de vítimas. **Agressor:** é aquele que vitimiza os mais frágeis, costuma manifestar pouca empatia, bem como necessidade de dominar subjugar os outros, manifesta necessidade de conseguir a custo de ameaças o que se propõe, tende a ser impulsivo e ter baixa resistência a frustração. **Espectador:** é o aluno que presencia o *bullying*, porém nem sofre nem pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio.

Na sala de aula, há muitas variantes em relação ao posicionamento do educador. É notável que a própria formação docente não fornece preparo ao docente para agir em



consequência deste fenômeno, portanto, alguns professores tornam-se apáticos à situação, colaborando para a formação de cidadãos sem iniciativa que não reagem diante das injustiças.

Outros recorrem à orientação educacional e direção, que se resumem a uma punição, não atingindo as causas do problema. Desta forma, nada é feito substancialmente para evitar, e a escola torna-se por via das vezes omissa ao problema.

A escola é lugar também para formação moral e cidadã e as ações dos professores são exemplos para os alunos.

Segundo Kristensen (2003), a atitude do professor para com alunos de grupos minoritários (negros, imigrantes, alunos de religião diferente da maioria) pode ter um efeito extremamente significativo no modo como esses alunos aprendem a perceber a si próprios, e também na forma como os colegas os vêem. Basicamente, os professores fornecem condições para a aprendizagem na sala de aula, não somente pelo que dizem, mas também pelo que fazem.

A pesquisa na formação docente é de suma importância para a produção de conhecimento e o seu caráter formativo coloca o professor como sujeito crítico de sua formação, apto para lidar com as diversidades ou adversidades oriundas do ambiente escolar.

Nestas situações, a figura do professor é de extrema importância no processo de prevenção e extinção do *bullying* no ambiente escolar, para tanto, esse profissional necessita ter em sua formação inicial e continuada conhecimento que proporcione soluções para este problema.

Diante da necessidade atual de haver debate e posicionamento profissional nas questões de diversidade, a pesquisa com enfoque no tema “*bullying*” foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL) Maceió, com 435 alunos do ensino médio com faixa etária entre 14 e 20 anos de idade a partir de pesquisa quantitativa com questões abertas, de múltipla escolha e dicotômicas para coleta e tabulação dos dados referentes à percepção dos alunos sobre o *bullying* e se esse ocorre no ambiente escolar. Os questionários continham questões que variavam desde os dados pessoais como: faixa etária e gênero, até o conhecimento dos alunos sobre o fenômeno *bullying*, os fatores geradores, as consequências, as ações da escola a respeito, entre outras. Os questionários foram de fácil operacionalização, sendo aplicados num curto espaço de tempo, suas características implicaram custos menores, evitando deslocamentos. Possibilitou maior sistematização dos



resultados obtidos, tornando-se mais fácil a tabulação e análise dos dados. As implicações se deram na motivação dos sujeitos ao responder o questionário, havendo também superficialidade em algumas respostas nas perguntas abertas.

Uma das primeiras perguntas feitas aos alunos foi se eles sabiam o que era *bullying*, como demonstra o Gráfico 1. 96%, responderam positivamente. Para os que responderam que sabiam o que era *bullying* foi pedido que para que eles dessem uma definição para essa ação, como demonstra o Gráfico 2.

Gráfico 1 - Você sabe o que é *bullying*?

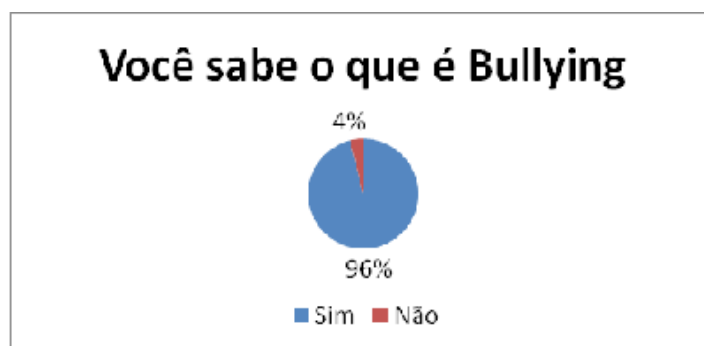
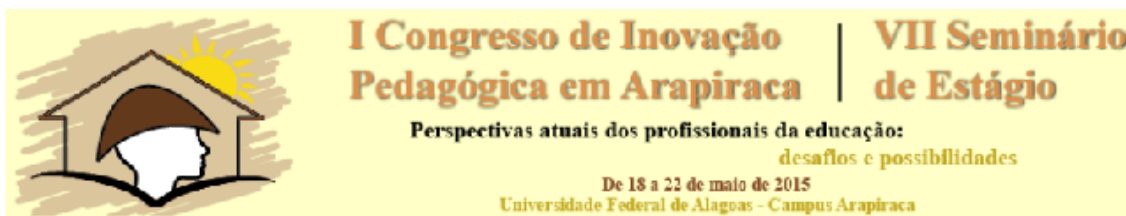
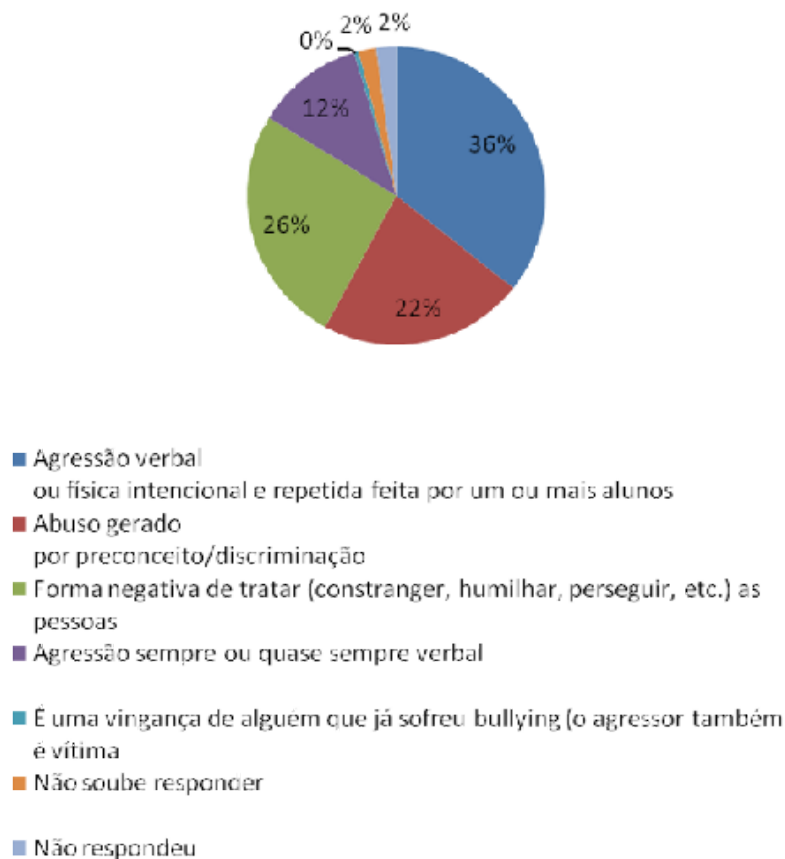


Gráfico 2 – Se sim, defina o que é *bullying* para você.



Se SIM, defina o que é Bullying para você



Tomando como base os resultados obtidos verifica-se que a maioria dos alunos define o *Bullying* como agressão física ou verbal, gerado principalmente por preconceito/discriminação, porém outras definições como: forma negativa de tratar as pessoas e vingança também foram obtidas como alternativas.

No gráfico 3 foi perguntado se os alunos já haviam presenciado casos de *bullying* na escola, 72% responderam que sim. Sobre os fatores que mais geram o *bullying* na escola foram apresentadas 12 alternativas das quais três tiveram uma maior porcentagem, orientação sexual 24%, estrutura física 19% e local de origem 14%.

Gráfico 3 – Se sim, você já presenciou casos de bullying nessa escola?



Se SIM, você já presenciou casos de bullying nessa escola?

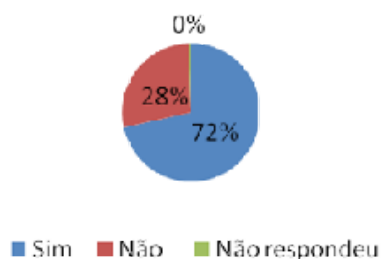
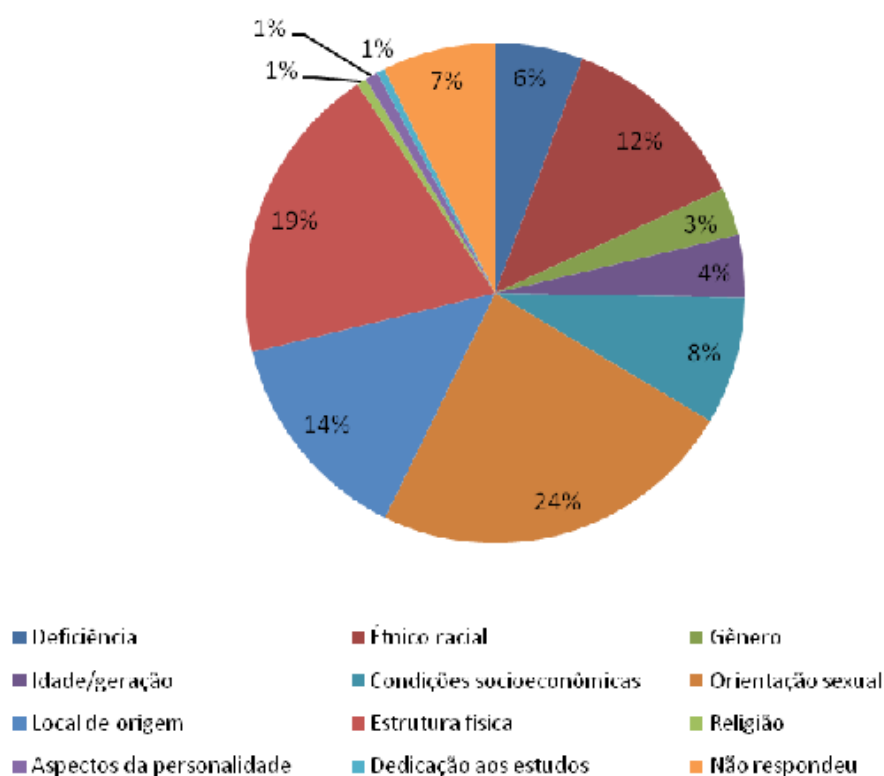
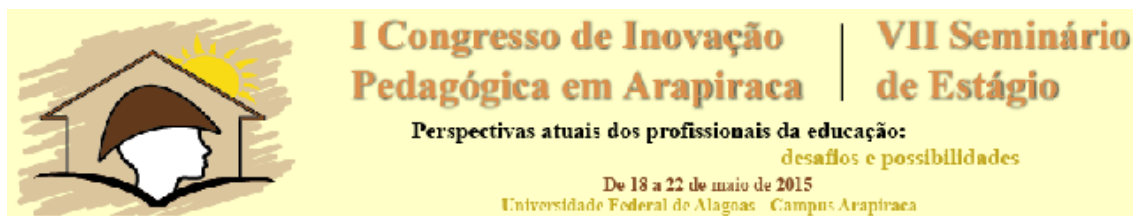


Gráfico 4 – Se sim, que fatores mais geram bullying nessa escola?

Se SIM, que fatores mais geram Bullying nessa escola?



A pesquisa mostrou uma alta porcentagem de casos de bullying, e a orientação sexual foi um dos maiores fatores presenciados na escola. Muitas pessoas partem do pressuposto de que a bissexualidade e a homossexualidade são desvios de caráter, uma doença ou ainda algo



contagioso. Em uma sociedade como a nossa, qualquer um que saia da norma heterossexual é imediatamente tratado com descaso, desprezo, humilhação e até com violência física.

Em relação ao que os alunos acham sobre a posição da escola acerca do bullying, 87% responderam que a escola tem compromisso de gerar ações ajudem a combater o fenômeno, como é observado no gráfico 5.

Gráfico 5 – Você acha que a escola tem o compromisso de gerar ações que ajudem a combater o *bullying*?



É papel da escola, identificar se está havendo *bullying*, desenvolver ações que estimulem a consciência coletiva social que possam diminuir essa prática. O bullying deve ser tratado com grande importância pela escola, família e sociedade por ser um fator de violência que demonstra desigualdade e injustiça social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio buscamos evidenciar com clareza o conceito do termo *bullying*, tratando a escola e seu papel socializador na formação dos indivíduos e como esse fenômeno se caracteriza no ambiente escolar focando a violência contra a pessoa. Nesse contexto, é de extrema importância que o professor não seja compassivo com essa prática, mas que reaja diante da situação, cumprindo seu papel de educador. Para isso é necessário que se inclua o conhecimento acerca do tema na formação inicial e continuada de forma a minimizar o problema e proporcionar um ambiente escolar onde haja respeito e tolerância.



Em suma concluímos que a violência nas escolas independe de classe social, cor, sexo ou religião e em uma sociedade complexa como a atual, em que os valores se perdem, as referências para os jovens ficam confusas, a violência é uma das formas que a juventude tem para descarregar suas frustrações. Assim, é necessário que pais, professores e todos os profissionais responsáveis pela formação dos jovens, estejam preparados para lidar com os conflitos e atuem em conjunto para minimizá-los. Para isso, é necessário que cada um cumpra, com responsabilidade, o seu papel.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; AVANCINI, Marta; OLIVEIRA, Helena. O bê-á-bá da intolerância e da discriminação. In: Fundo das Nações Unidas Para a Infância. **Direitos negados: a violência contra a criança e o adolescente do Brasil**. 2.ed. Brasília: UNICEF, 2006. p. 29-53.

CAMPOS, Herculano Ricardo; JORGE, Samia Dayana Cardoso. Violência na escola: uma reflexão sobre o *bullying* a prática educativa. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 107-128, mar., 2010.

EDUCAR PARA CRESCER. **Bullying na escola**. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

FANTE, Cleo. 2005. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª edição. Campinas. Editora Versus, 224 p.

KRISTENSEN, Christian Haag et al. **Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica**. **Estud. Psicol.** Natal, v.8, nº. 1, apr. 2003.

LEÃO, Leticia Gabriela Ramos. O Fenômeno Bullying No Ambiente Escolar. **Revista FACEVV**, Vila Velha, n. 4, p. 119-135, jan./jun., 2010.

OLIVEIRA, Edjôfre Coelho de. **O BULLYING NA ESCOLA: a visão de professores e alunos do Ensino Médio de São João do Piauí – PI**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Instituto de Educação. Lisboa, 2013.

RAMOS, Ana Carolina Sartori. **Bullying: a violência tolerada na escola**.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.



TREVISOL, Maria Teresa; DRESH, Daniela. **Escola e Bullying: a compreensão dos educadores.**